

28-01-2025

“Conhecimento mortal”

Chiara Lages

[Bibliotecária]

“*Conhecimento mortal*” (*killing knowledge*) foi a expressão utilizada por Ghassan Abu-Sittah (reitor da Universidade Glasgow/Escócia) em palestra na semana anterior na *Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres* no evento “*O Papel das Instituições de Saúde Pública na Reconstrução Ética*”. As palavras de Abu Sittah apertaram meu coração: “*A guerra destrói o presente para alterar o futuro. O genocídio destrói o presente e o passado para abortar o futuro.*” A palestra foi reproduzida, em “*A saúde pública pode superar sua história colonial?*”, por Richard Horton, editor chefe da revista científica *The Lancet* (23/11/2024), que comenta: “*Suas palavras foram aplaudidas de pé. Para aqueles em ambientes de saúde pública ocidentais que buscavam um futuro diferente, aliado a povos nas garras da guerra e do genocídio, suas palavras foram desconfortáveis de ouvir.*” O ‘desabafo’ publicizado deste editor parece buscar solidariedade da comunidade científica. Estaria justificando a histórica ausência desses debates sociais no *Lancet*? Deste e de outros periódicos do gênero, salvo exceções pontuais, inclusive do mesmo editor. Sabemos o quanto a ciência que, não poucas vezes, se supõe neutra e se afirma ética, é capaz de passar ao largo da compaixão pelos excluídos da sociedade. E, como bibliotecária, nesses tempos bibliométricos, questiono a postura ‘predatória’ de alguns periódicos científicos que, para se sustentarem no mercado de publicações, rendem-se a rankings algorítmicos que pouco ou nada acrescentam ao conhecimento científico. Quase sempre danço sem par nessas críticas. Iniciei este texto logo após a leitura do *Lancet* em novembro passado. Ontem (19/01/25) – primeiro dia da execução dos ‘arranjos’ de cessar-fogo da guerra Israel-Hamas (foto) – aquele meu familiar arrepio surgiu ao, sem querer, abrir o arquivo... A indignação aguçou reflexões e questões que brotaram da leitura das provocações de Abu-Sittah e do comentário de Horton em nosso Brasil. Ghassan Abu Sittah¹ (Kwait, 1969) é cirurgião plástico reconstrutor que atua em áreas de conflitos, como Líbano, Síria, Iêmem, Gaza... Atuou no *Médicos Sem Fronteiras* do *Hospital Al-Shifa* logo após o início da guerra na Faixa de Gaza (out., 2023) e encontrou-se com investigadores do Tribunal Penal Internacional em Haia (2024). Foi eleito reitor pelos alunos em abril de 2024. Richard Horton (1961) é médico britânico e editor-chefe de *The Lancet* Reino Unido desde 1995. Foi colunista de periódicos de notícias, literatura, cultura, economia e atualidades. Em seu longo percurso no *Lancet*, aprovou artigos que geraram polêmicas, como “*Carta aberta para o povo de Gaza*” (2014), criticando Israel e “*estimativas* [superestimadas?] *de mortos na guerra do Iraque* (2003)”. Lastimavelmente, também foi responsável pelo aceite, e lentidão na retratação, do artigo que erradamente associou o autismo à vacina contra o sarampo. Abu-Sittah causou desconforto, em “*O Papel das Instituições de Saúde Pública na Reconstrução Ética*”. Reproduzo aqui um recorte para também causar desconforto entre nós brasileiros, muitos docentes, pesquisadores e pós-graduandos.



Palestinos retornam à Jabaliya/Norte da Faixa de Gaza, após o cessar-fogo. *O Globo*, 20/01/25.

Por que estamos neste lugar? Antes que alguém possa considerar o papel de uma instituição após um conflito, é preciso considerar seu desempenho durante o conflito. As instituições ocidentais têm sido parte da facilitação do genocídio.

*

As universidades contribuíram para as tecnologias de armas. Elas forneceram “conhecimento mortal” para a indústria de armas.

*

Os periódicos científicos também desempenham seu papel, às vezes vetando o uso da palavra “genocídio” quando a violência é transparentemente genocida.

Um país envolvido em matar mulheres e crianças impunemente pode ser “um apêndice perfeito do poder ocidental”.

*

O cético Abu-Sittah não deu trégua, lembrou dos que veem, sofrem, resistem. *Eles não podem ajudar a tornar o invisível visível por meio de suas pesquisas? Um periódico médico pode ser uma plataforma para projetar essa visibilidade em todo o mundo? Não, as possibilidades são limitadas.* Limitadas, inclusive, pelo conluio entre instituições ocidentais, saúde pública, genocídio, complexo industrial biomédico-farmacêutico, indústria bélica etc. No ramo bélico, a líder em receitas (53.2 bilhões de dólares), a americana Lockheed Martin, oferece estágios para estudantes do ensino médio e superior, vagas para profissionais de todas as etnias e gêneros, treinamento e experiência em ‘defesa’ (eufemismo para guerra?) e benefícios como seguro saúde e folga remunerada. Sem dúvidas, investem em jovens talentos para transformá-los em líderes da produção do “conhecimento mortal”. E, como disse Abu-Sittah, seus resultados de laboratórios de guerra serão apropriados pelos extremos político-militares em desafios ao multilateralismo quando se acharem no ‘direito’ de eliminar suas próprias populações excedentes... Horton finaliza seu comentário afirmando: *Não podemos escapar do nosso passado. Somos cúmplices do nosso presente. E, a menos que renunciemos à nossa convivência, seremos amaldiçoados em nosso futuro.* Quem sabe o desconforto instigado por Abu-Sittah, aliado à sugestão de renúncia à convivência, mencionada por Horton, inspire um movimento contra hegemônico das revistas científicas? Abrindo espaço para questões e autores inovadores, que podem não agradar aos pares apegados ao passado, mas apontarem para futuras investigações.

A produção de “conhecimento mortal” é neutra e ética?

■■■

Referência: Horton, Richard. Offline: Can public health overcome its colonial history? *The Lancet*, v.404, ed.10467, p.2033. 23 nov. 2024.

Nota: 1. Filho de palestino e libanesa. A família de seu pai foi desterrada na Nakba (expulsão de palestinos de seu território pelo exército israelense, 1948), refugiando-se na Faixa de Gaza, depois no Kwait e em 1980 no Reino Unido.